

NAVES ESPACIAIS, REENCARNAÇÃO E TRANSMUTAÇÃO: A LIBERTAÇÃO DO SOFRIMENTO EM MOVIMENTOS RELIGIOSOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

*SPACESHIPS, REINCARNATION AND TRANSMUTATION:
THE LIBERATION FROM SUFFERING IN CONTEMPORARY
BRAZILIAN RELIGIOUS MOVEMENTS*

LEONARDO MARTINS^(*)

RESUMO

A contemporaneidade permite que diferentes referenciais culturais dividam os mesmos espaços geográficos e simbólicos, se combinem e se multipliquem. Como um dos resultados desse processo, emergem sistemas de crença-significado com características religiosas que são altamente “exóticos” e mesmo afrontosos diante das religiões hegemônicas, como aqueles relativos a alienígenas. Os grupos que os adotam evidenciam estar em franco crescimento, contendo dezenas, centenas ou mesmo milhares de membros. Esses novos sistemas apresentam respostas idiossincrásicas para questões como a liberação do sofrimento e a salvação da alma, cuja complexidade e apelo psicológico revelam nuances da contemporaneidade e merecem ser discutidos, como o resgate da dimensão psicológica do sobrenatural por pessoas cujos anseios não encontrariam resposta nas religiões hegemônicas e na ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Contemporaneidade. Crenças. Sofrimento.

ABSTRACT

The contemporaneity allows that different cultural referentials divide the same geographical and symbolic spaces, combine and multiply themselves. As a result of this process, it emerges belief-meaning systems with religious characteristics that are highly “exotic” and even outrageous in the face of hegemonic religions, such as those related to aliens. The groups that adopt them show to be growing, containing tens, hundreds or even thousands of members. These new systems have idiosyncratic responses to issues such as liberation from suffering and salvation of the soul, whose complexity and psychological appeal reveal aspects of contemporaneity and deserve to be discussed, such as the rescue of the psychological dimension of the supernatural by people whose demands do not find answers in hegemonic religions and science.

Keywords: Religion. Contemporaneity. Beliefs. Suffering

INTRODUÇÃO

Um dos temas comuns a sistemas de crença-significado religiosos é a liberação do sofrimento. Enquanto a condição humana cotidiana é marcada por formas de incompletude e angústia, sistemas religiosos negociam vias de

^(*) Doutorando e mestre em psicologia social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (Inter Psi - USP). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de psicologia, com ênfase em psicoterapia, saúde mental e psicologia social. Suas pesquisas se inserem nas áreas de saúde mental, psicologia social, psicologia anomalística e psicologia da religião. E-mail: leobremartins@usp.br

conexão com o transcendente que buscam conferir sentido a tais mazelas e propor caminhos para sua superação.

Enquanto religiões hegemônicas em nosso contexto cultural estabelecem que o sofrimento e a miséria humanas terminariam em um paraíso pós-morte (e.g., catolicismo, protestantismo), através do amadurecimento espiritual em reencarnações sucessivas (e.g., espiritismo kardecista), pelo alcance de um estado psicológico de desapego e morte do ego (e.g., budismo), entre outras possibilidades mais bem conhecidas, movimentos religiosos caracteristicamente contemporâneos e muito pouco conhecidos (embora reúnam milhares de membros e estejam crescendo) propõem formas alternativas de liberação do sofrimento que ainda foram pouco discutidas.

Um dos contextos culturais em que tais possibilidades contemporâneas emergem com particular pluralidade e “exotismo” é o Brasil, país historicamente marcado por múltiplas influências culturais desde sua colonização, iniciada no século XVI. Sobre o alicerce de referenciais religiosos indígenas, europeus e africanos, além daqueles sincréticos deles derivados ao longo dos séculos seguintes, as últimas décadas assistiram ao surgimento e fortalecimento de sistemas de crença-significado e grupos de conotação religiosa que adicionam também influências propriamente recentes relacionadas a teorias conspiratórias em escala global, ciência, tecnologia, questões políticas atuais, ficção, religiões do extremo oriente e esoterismos diversos, dentre outras, o que Possamai (2012) chamou de religiões hiper-realistas. Assim se delineiam fenômenos culturais próprios da contemporaneidade, esta compreendida por diversos autores como o momento histórico atual, marcado pela ampla circulação da informação, pela valorização drástica da diversidade e da complexidade, pelo encontro e interpenetração dinâmica de múltiplas influências culturais, pela polissemia e superlatividade do simbólico, e pela crise das metanarrativas e dos modos de vida que se pretendiam hegemônicos.¹

A despeito dessas características, membros de alguns grupos relatam sofrer acusações persistentes de loucura, charlatanismo e ignorância nos demais círculos sociais de que participam (e.g., família, trabalho) e na macrocultura, o que se relacionaria ao estranhamento a seus sistemas de crença-significado e às experiências que alegam. Daí sua dimensão dita “exótica”.

¹ Ver discussão em HENNIGEN, 2007.

Entre os exemplos mais interessantes, devido a tais conotações e ao grande número de adeptos, estão grupos e sistemas centrados em alegados contatos diretos com “alienígenas” (LEWIS, 1995; BATTAGLIA, 2006) e outras experiências ditas “paranormais”, isto é, que desafiam de algum modo o consenso científico ou cultural mais amplo sobre o modo como os princípios da realidade operam.² Tais grupos se organizam em torno de pessoas conhecidas como “contatados”, que alegam não somente se comunicar com entidades extraterrestres espiritualmente evoluídos, isto é, seres que viriam de outros planetas com intenções benéficas para os habitantes da Terra, mas também receber missões, nas quais se inserem os grupos. Ao investigar alguns desses grupos e seus sistemas de crença-significado desde 1997, surgiram copiosos elementos para identificação e discussão de sentidos e discursos propriamente contemporâneos para o tradicional tema da liberação do sofrimento e salvação da alma. Assim, este artigo pretende apresentar e discutir esses achados.

MÉTODOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, etnográfica, com dados colhidos entre 2010 e 2013 em três contextos urbanos brasileiros (grupos esotéricos com filiais em diferentes estados). Um dos grupos é sediado em Belo Horizonte e os outros dois possuem filiais nessa cidade, o que facilitou a convivência cotidiana e delongada com seus membros, embora o autor tenha viajado à sede de um dos grupos no Mato Grosso do Sul. Cada grupo possui (verificadamente) dezenas, centenas ou (alegadamente) milhares de membros, os quais representam diversos níveis socioeconômicos, faixas etárias, profissões e procedências. Contudo, em observações cotidianas, é possível reconhecer a predominância de três características entre os membros nos três contextos: gênero feminino, meia-idade e nível socioeconômico/educacional elevado.

A pesquisa incluiu observação participante dos grupos em seu cotidiano (rituais, viagens, vigílias, palestras, workshops, encontros informais, conversações cotidianas) e aproximadamente 80 entrevistas semi-estruturadas com adultos e crianças que deles participam. Dados que permitam identificar pessoas e grupos estão omitidos, por razões éticas. Como incursões prévias a esta pesquisa vinham sendo realizadas desde 1997, informações derivadas dessas aproximações iniciais e delongadas são aqui apresentadas de modo complementar.

² Ver ampla revisão sobre a abordagem psicológica do “paranormal” em CARDEÑA, LYNN, KRIPPNER, 2000

BREVE DESCRIÇÃO DE DIMENSÕES RELIGIOSAS DOS GRUPOS

Os três grupos observados apresentam características sugestivas de dimensões religiosas, as quais serão aqui sintetizadas. Assim, prescinde-se momentaneamente da problematização mais ampla do conceito de religião trazida pela contemporaneidade polissêmica e por movimentos novos que se encontram em algum intermédio rico entre religião, ciência e outras formas de conhecimento. O propósito é possibilitar uma discussão concentrada no aspecto da liberação do sofrimento e salvação da alma, a partir de um alicerce que a conecte ao campo mais amplo do estudo da religião.

De início, os três possuem membros que se reconhecem mutuamente enquanto um grupo, compartilhando metas e possuindo vínculo subjetivo que os caracteriza enquanto comunidades afetivas. A aceitação de membros novos pelos grupos é relativamente difícil, demandando demonstrações de comprometimento e assiduidade dos novatos, o que o autor pôde experimentar ao se inserir em cada grupo. O membro de um dos grupos sintetizou a questão: “*Se você [o autor] fizer parte do grupo, é para sempre*”. As entrevistas apresentaram copiosos trechos análogos a este, como o fornecido por uma mulher de meia idade:

Aqui é como se fosse uma família mesmo [...] todo mundo entende você, todo mundo fala a mesma língua (...). Minha família tem até ciúme daqui [do grupo], porque eu fico mais tempo aqui do que em casa [...]. Nossa missão em comum é importante demais.

Os três grupos possuem lideranças, na figura de “contatados” que estabelecem a conexão do grupo com as alegadas inteligências e poderes sobre-humanos, que são os “alienígenas”. Os sistemas de crença-significado que amparam os três grupos divinizam tais entidades ao atribuir-lhes características propriamente divinas elencadas por Saliba (1995, p. 41-48) ao discutir aspectos religiosos de sistemas de crença sobre contatos com alienígenas:

Mistério: O pretense encontro com óvnis e alienígenas traz consigo, na perspectiva dos protagonistas, uma compreensível “aura de mistério”, uma alteridade radical ligada a questões não respondidas sobre “eles”, dos tipos: O quê? Por quê? Como?

Transcendência: Os óvnis e alienígenas viriam do céu, símbolo de transcendência, de planetas distantes ou outras dimensões, muito além da capacidade terrena de alcançar. Ademais, apresentam diversas outras performances sobre-humanas.

Crença em entidades sobrenaturais: Os alienígenas tendem a ser entendidos como seres de natureza também sobre-humana, muitas vezes imateriais, análogos a deuses. Muitas vezes são considerados emissários diretos de Deus ou de Lúcifer.

Perfeição: Muitas vezes, os alienígenas são tidos como membros de sociedades utópicas, limpas e otimizadas. São “irmãos cósmicos” repletos de sabedoria, bondade e beleza, que já dominaram as forças da natureza.

Salvação: Com grande frequência, os alienígenas são ditos redentores, salvadores da humanidade no momento de crise planetária. Podem também curar doentes, ensinar caminhos espirituais e resolver crises existenciais.

Visão de mundo: Os alienígenas podem se inserir em sistemas de crença-significado maiores sobre o sentido da existência e o senso de propósito do universo. Assim, fariam parte dos planos de Deus ou de Lúcifer para a humanidade, fomentariam uma resignificação da vida dos protagonistas após as experiências em direção à aceitação de realidades sutis ou maiores.

Espiritualidade: As experiências subjetivas com alienígenas, especialmente as mais complexas, podem se aproximar de êxtases místicos, visões espirituais e ritos de passagem, demarcando uma mudança de consciência dos protagonistas com conotação espiritual, existencial.

Acrescentando as funções religiosas reconhecidas por Whitmore (1995) sobre a natureza religiosa de sistemas de crença-significado sobre contatos com alienígenas, e que se apresentaram de modo pleno nos grupos aqui investigados, esses seres cumprem funções propriamente divinas. Eles teriam criado a humanidade e a guiado ao longo da história, poderiam realizar milagres e fazer profecias, incluindo o “grande retorno” em algo análogo ao “fim dos tempos”, quando apenas os escolhidos seriam “abduzidos” e conduzidos a outro planeta, enquanto a Terra seria destruída de algum modo.

Ademais, as experiências relativas a “alienígenas” em si apresentam diversas conexões temáticas com episódios religiosos, como luzes fantásticas vindas do céu, os protagonistas como profetas escolhidos para espalhar

mensagens, a ascensão de “abduzidos” e “contatados” ao céu, entre outros exemplos. Os três grupos realizam rituais de “contato” e obtenção de “orientação espiritual”, “energias sacralizadas” e outras graças dos alienígenas. Além de possuírem um código de conduta embasado em seu sistema de crença-significado e objetivando alguma forma de salvação, a adesão a esses sistemas dentro dos grupos caracteriza a dimensão da fé no transcendente, embora por vezes ressignificada como adesão racional a conhecimentos científicos, como apresentado a seguir.

Como um dos elementos fundamentais dos sistemas de crença-significado dos três contextos, motivando o comportamento e a coesão do grupo, estão concepções de liberação do sofrimento aqui descritos sob uma perspectiva fenomenológica a partir dos discursos cotidianos e entrevistas.

PRIMEIRO GRUPO: A BUSCA RITUALÍSTICA PELA TRANSMUTAÇÃO

Com (verificadamente) centenas ou (aleadamente) milhares de membros, o primeiro grupo se organiza em uma sede principal, em forma de comunidade em uma área rural em Mato Grosso do Sul, e diversas filiais hierarquizadas em capitais brasileiras. Suas atividades se centram em pretensos contatos com extraterrestres e suas naves espaciais, além de orientação e desenvolvimento “espiritual”. As conversações cotidianas sobre liberação do sofrimento se apresentaram bastante frequentes, assim como rituais, palestras, workshops e outras medidas explicitamente dedicadas a esse fim.

Sua perspectiva de liberação do sofrimento se ampara em elementos pontuais do sistema de crença-significado do grupo. Em seus termos, a “evolução espiritual” ocorre inicialmente através do acúmulo de experiências e aprendizados ao longo de encarnações sucessivas. Como parte do processo evolutivo espiritual, as pessoas reencarnam ou migram em naves para planetas condizentes com seu grau de evolução espiritual ou com sua missão. Uma contatada do grupo confidenciou:

Eu olho para o céu e sinto uma saudade inexplicável, como se eu não pertencesse à Terra e sim a outro planeta. Tenho certeza que sou um espírito extraterrestre reencarnado [...]. Eu quero transmutar e voltar para lá.

Como sintetizado por um dos membros do grupo em uma palestra:

Nosso objetivo [do grupo] é o de despertar o conhecimento no ser humano, para que todos possam se conscientizar sobre a importância do papel de cada um no

meio em que vivemos e, conseqüentemente, perceber a realidade de forma mais ampla e abrangente.

Nessa perspectiva, alguns momentos e condições são críticos para que a “evolução” ocorra, devido a variáveis externas às pessoas, como estarem presos às “limitações” da Terra (que *“tem uma energia pesada, uma frequência vibracional baixa”*, sic) e aos cataclismos que, segundo as profecias anunciadas pelos contatados do grupo, ocorrerão ao planeta até a década de 2020. Assim, dado que as profecias apontam para o drástico agravamento das condições de vida na Terra para os próximos anos, apenas os espíritos que alçarem determinado grau de “evolução espiritual” poderão continuar sua trajetória em planetas mais evoluídos e agradáveis, sendo os demais (a ampla maioria das pessoas) condenados a renascer indefinidamente em uma Terra insalubre. Os membros do grupo receberão auxílio para evoluírem até a década de 2020, quando então os “alienígenas” retornarão aos seus mundos de origem e a ajuda cessará. Nas palavras de um dos membros mais antigos do grupo, *“o tempo corre contra nós! Temos que evoluir rápido!”* Devido a tais condições ambientais, tal maioria remanescente não terá oportunidade de evoluir e deixar a Terra.

Ainda de acordo com os membros do grupo, para auxiliar na evolução do maior número possível de pessoas (que ainda assim serão minoria) antes dos cataclismos, dezenas de raças alienígenas espiritualmente evoluídas ensinam a seus contatados caminhos pontuais para tal evolução. Esta, em termos práticos, se relaciona intimamente a uma “evolução mental”, através do estímulo a “energias”, “dons”, “capacidades paranormais” e conhecimentos progressivamente sutis e ligados à transcendência. Os caminhos evolutivos incluem rituais de “mentalização de energias”, realização de feitos “paranormais”, ingestão de substâncias que “sutilizariam energias corporais”, vigílias e contatos agendados com alienígenas. Os termos usados para descrever esses processos incluem também “harmonização de energia”, “acúmulo de carga elétrica” e “aceleração mental”. O autor pôde participar de diversas dessas atividades, as quais ocupam dias consecutivos em ritmo potencialmente cansativo, pois envolvem também jejum e abstinência de sono. Nas palavras de uma participante antiga, *“a gente sempre volta das viagens exausto, mas vale muito a pena”*.

Segundo seu sistema de crença-significado, o estágio evolutivo dos humanos estaria em um ponto limítrofe em que é possível iniciar uma trajetória evolutiva que independa do ciclo de morte-renascimento. Assim, o objetivo

imediatamente do grupo na Terra é a “transmutação”, isto é, a ascensão a outras “dimensões” sem que ocorra morte física, mas sim “*a conversão voluntária do corpo físico em energia consciente*” (sic), algo semelhante ao que teria ocorrido na ascensão de Jesus Cristo após a ressurreição e com, segundo o grupo, a civilização maia. Nessa nova condição, as pessoas continuariam evoluindo em outras dimensões e planetas ao longo das eras, em busca da união final com o “Absoluto” através da ascensão gradual em uma longa hierarquia espiritual de seres. Os representantes das raças alienígenas benéficas que visitam a Terra encontrar-se-iam transmutados, de modo que suas naves não seriam “físicas” e sim “energéticas”.

Assim, a concepção do grupo sobre libertação do sofrimento está fundamentada na libertação das condições terrenas, em uma perspectiva mais imediata, e na progressiva sutílização da “energia” constitutiva da consciência e na “aceleração” de sua “frequência vibratória” até os extremos que caracterizariam o “Absoluto”. A condição terrena estaria associada a sofrimentos “físicos”, ligados às limitações de se prender à materialidade, e “mentais”, ligadas a apego, ganância, ansiedade, medo da morte, ignorância e demais defeitos humanos, acrescidos da “racionalidade cartesiana”, a qual seria um defeito por “*inibir as faculdades intuitivas que nos conectam com as verdades espirituais*”, como resumiu um dos membros mais antigos. A condição pós-transmutação, embora superasse aquele sofrimento terreno, ainda possuiria limitações inerentes à não conexão plena com o Absoluto. Assim, embora se preveja repercussões ligadas ao sofrimento em função dessa incompletude pós-transmutação, essas não são bem descritas nas conversações do grupo, alegadamente por estarem consideravelmente acima de compreensão da humanidade ainda atrelada à “materialidade”. Como sentenciou um dos membros, “*sobre isso, a gente só vai saber quando transmutar. Mas deve ser interessante!*”

SEGUNDO GRUPO: A BUSCA MORALISTA PELA REENCARNAÇÃO

O segundo grupo, com um número incerto de membros entre dezenas e centenas, é organizado a partir da região metropolitana de São Paulo, embora se ramifique para diversas cidades. O grupo é liderado por um “contatado” de meia-idade que realiza concorridos atendimentos para fins de “cura espiritual” e “física” pretensamente baseada na física quântica, além de reunir ajudantes à semelhança de reverentes seguidores. Nas palavras de um deles, enunciadas

ainda antes que o autor entrevistasse o contatado, *“é um privilégio para você conversar com ele”*. Contudo, este grupo emerge como uma ramificação de outro menos formal e com milhares de membros espalhados pelo Brasil, ao redor de outro contatado chamado de “mestre” por aquele que lidera o grupo aqui estudado. Assim, o intercruzamento de dissidências e mútuas influências entre os membros de diversas filiações, interesses e históricos de vida torna esse grupo talvez o menos coeso entre os aqui investigados.

Também para esse grupo, a condição terrena está intimamente associada ao sofrimento e à inferioridade tecnológica e espiritual, tomando-se os alienígenas como parâmetro. Nesse caso específico, os alienígenas evoluídos são “materiais”, “físicos”, tal como suas naves altamente tecnológicas. São chamados de “Confederados”, em equilíbrio razoável de forças com raças inimigas sem tal evolução espiritual, mas igualmente tecnológica. As experiências e sistemas de crença-significado do grupo descrevem e compreendem os alienígenas de modo particularmente antropomórfico, indicando, dentre os copiosos exemplos, sua alimentação com azeitonas, gelatina, sal, açúcar, embora tais iguarias alienígenas sejam, nas palavras do contatado líder que as teria experimentado em diversas ocasiões, *“bem mais saborosas que as nossas aqui na Terra”*. Em sintonia com tal antropomorfismo, mesmo o contatado pretensamente mais evoluído e que chefia o grupo somente consegue exercer suas aptidões de contato e cura devido a um “implante” físico que teria sido colocado em seu crânio durante uma “abdução”. Segundo ele, *“o implante aparece até em radiografias que tirei (...) é material, físico”*.

Para o grupo, Jesus é um extraterrestre que reencarnou na Terra (assim como muitos outros alienígenas, também em missão), e seu reino que *“não é deste mundo”* (como dito em João, 18:36) não seria um paraíso espiritual, mas seu planeta de origem, no qual ele seria o “imperador”. Como força antagônica, Satã seria outro extraterrestre, que lideraria raças “draconianas” e “reptilianas”, termos comuns na ufologia para designar pretensos extraterrestres de aparência semelhante a lagartos. Assim, a guerra entre o Bem e o Mal não teria qualquer componente sobrenatural ou metafísico, mas se desdobraria em batalhas físicas entre tropas rivais de naves alienígenas, de modo bastante similar, na comparação feita pelo contatado líder, ao visto na famosa série de filmes Star Wars. Segundo seu relato, *“eu mesmo tive oportunidade de entrar em uma dessas naves de combate (...). Elas soltam raios lasers e tudo mais”*.

A premissa da evolução espiritual através de encarnações sucessivas exerce papel fundamental em direção à “*condição plena que é o Ser Total, que se realizaria no Amor Incondicional*”, nas palavras do líder. O final da jornada evolutiva estaria em, após superar os limites de cada “dimensão” (a condição terrena está nos limites das “três dimensões”, como para o primeiro grupo), alcançar a última delas, sendo mais de cem no total. Contudo, ressalta ainda que as noções de sofrimento e de liberação possuem forte e talvez decisiva base cientificista e moral, em uma perspectiva mais imediata. Nas palavras do contatado,

...você começa a perceber que encontrou o elo perdido entre a religião e a ciência. Nós não estamos falando de religião, de espiritismo, catolicismo [...] estamos falando de naves espaciais de dimensões quânticas.

Contudo, as “raças” benéficas do império governado por Jesus servem ao “Ser Total”, sendo, portanto, auxiliares da humanidade na jornada de libertação do sofrimento. Assim, em última instância, o conceito de libertação está ligado ao conceito de transcendência que orienta o sistema de crença-significado do grupo. Tal transcendência seria o mistério absoluto acerca do qual o contatado e o grupo dizem não estarem aptos a discursar a respeito. O máximo que eles sabem é que as civilizações sob o comando de Jesus seguiriam tal “divindade” através de ações físicas em um “universo multidimensional” plenamente explicável por leis físicas. Mesmo os conceitos morais estariam circunscritos a tais leis naturais passíveis de explicação científica, pois

...as condutas imorais envolvem seu praticante em um campo energético de baixa frequência que o impedem de alcançar o Ser Total [...] enquanto o Amor aumenta a frequência de nosso campo eletromagnético e nos permite alcançar dimensões mais elevadas.

Segundo o contatado, o caminho de tal evolução foi ensinado por Jesus em sua vinda, mas teria sido mal interpretado pelas correntes cristãs hegemônicas. Assim, o grupo enfatiza a retidão moral das ações e pensamentos, mas não por motivo de fé em algo inacessível, metafísico, e sim por explicações físicas alcançáveis pelo conhecimento científico, cujo merecimento em saber se daria a partir do esforço da busca. A Terra estaria prestes a sofrer uma mudança que imprimiria urgência à evolução espiritual de seus habitantes. Contudo, diferentemente do primeiro grupo, o planeta passaria para “frequências mais elevadas de vibração” em data indeterminada, o que implicaria na permanência dos mais evoluídos e no exílio para planetas mais atrasados dos que não

evoluíssem. A Terra, considerada pelo primeiro grupo como a “prisão” futura dos espiritualmente “atrasados” é considerada aqui como lar futuro dos espiritualmente “evoluídos”.

Nas palavras do contatado líder, o objetivo social do grupo é, “*sem conotação religiosa, evangelizar*”. O sofrimento, portanto, é compreendido como resultante da ignorância e parte do processo de aprendizado. A libertação do sofrimento está, em uma perspectiva mais imediata, no aumento da “frequência vibracional” (nesse sentido, tal como no primeiro grupo) para que possa renascer na Terra ou em planeta ainda mais evoluído. Em última instância, a libertação está no alcance do Ser Total pelo Amor, o que situa o sofrimento, em suas variadas formas, como expressão da antítese do Amor e do Conhecimento das leis da natureza.

TERCEIRO GRUPO: A INTUITIVA ESPERA PELAS ESPAÇONAVES

O terceiro grupo se organiza em torno de uma “clínica holística” em Belo Horizonte que reúne diversas práticas (daí seu dito holismo) como, nos termos usados pelos membros, cristaloterapia, *Reiki*, Tarô, massagens, *shiatsu*, *yoga*, meditação, viagens astrais, biodança, autoconhecimento cósmico, aromaterapia, quiropraxia, acupuntura, regressões a vidas passadas, canalização de mensagens espirituais, workshops e cursos sobre tais temas e numerosas outras atividades, que remetem a práticas alternativas de cura e “evolução espiritual”. O grupo é comandado por uma contatada de meia-idade que herdou a direção da clínica de um contatado que faleceu.

Enquanto o segundo grupo talvez seja o menos coeso, este **terceiro** evidenciou possuir o sistema de crenças-significado menos organizado, equanimemente aberto a influências diversas e com graus de adesão variando entre os diferentes membros, o que cotidianamente gera mal entendidos e mesmo conflitos de poder. Outro resultado da polissemia das crenças-significados dentro do grupo é a incerteza sobre como proceder e o que esperar, com decorrentes hesitações dos membros ao tentar conferir sentido à realidade. Perguntados sobre diversos aspectos e sentidos de seu cotidiano no grupo, os membros recorrem frequentemente a expressões como “*eu imagino que*”, “*é possível que*”, “*talvez*”, “*não sei*”. A decorrente angústia é demonstrada mesmo pela contatada líder, quando comenta sobre planos futuros do grupo: “*nós vamos ter que conversar com outras pessoas da ufologia para saber o que*

fazer”. Contudo, ainda assim é possível descrever como a questão da liberação do sofrimento é enfrentada no grupo, mesmo que de modo vacilante.

De início, algumas influências culturais basilares podem ser reconhecidas. São elas: religiões do extremo oriente, espiritismo kardecista, religiões africanas e brasileiras, como candomblé e umbanda, diversas correntes de pensamento ufológicas e representações sociais de ciência. Como bem sintetizou um dos membros acerca da aceitação de diferentes influências culturais, *“tudo é válido. A verdade é dita de várias formas”*.

Assim, uma das premissas fundamentais sobre sofrimento e libertação são as encarnações sucessivas, cujas experiências cumulativas promovem evolução espiritual. Ao mesmo tempo em que enfatizam as boas condutas, possuem significativa rotina de rituais, praticados em locais e datas considerados especiais dentro do sistema de crença-significado do grupo, como no interior de formas piramidais, locais onde se abririam “portais dimensionais” (isto é, passagens para dimensões paralelas a esta em que vivemos) em locais e datas indicados pelos alienígenas para contato. Estes são entendidos como seres duais, isto é, “físicos” e ao mesmo tempo “energéticos”, capazes de se manifestar das mais variadas formas e possuindo incalculáveis origens. Eles, inclusive, trabalhariam em parceria com “seres espirituais”, como pessoas desencarnadas e entidades espirituais descritas em diversas culturas. Ao mesmo tempo em que, tal como para os grupos anteriores, a Terra estaria passando por uma mudança “vibracional” e isso demande uma sutílização da energia espiritual, os efeitos para as pessoas são incertos. Como nos dois primeiros grupos, a coletividade desempenha papel importante, pois as “energias” se combinariam e se somariam nos rituais, potencializando o efeito desejado. Como exemplifica um dos membros, *“se, vamos supor, o nível de energia durante a meditação é um, quando junta mais gente, a energia atinge um nível de quinze, vinte”*. Entre os resultados almejados estão *“clareza mental, equilíbrio emocional, segurança, alegria, paz para lidar com as coisas do dia a dia”*, nas palavras de outro membro.

Assim, o sofrimento que se busca contornar está definido, em uma perspectiva mais imediata, em termos cotidianos, isto é, confusão mental, desequilíbrios emocionais (e.g., stress, ansiedade, tristeza, insegurança) e comportamentos prejudiciais (e.g., brigas, compulsões). Contudo, em uma perspectiva mais profunda e progressivamente incerta, um dos pontos essenciais para a compreensão da libertação do sofrimento diz respeito ao

retorno ao instinto. Como sintetizou um dos membros do grupo ao comentar as dificuldades do caminho evolutivo, *“embora eu esteja querendo quebrar essa racionalidade e ficar mais no ceder e no sentir, eu ainda sou muito racional”*. Novamente, a condição terrena é relacionada ao sofrimento, mas o grupo tende a associá-la à drástica separação do ser humano em relação à natureza quando privilegiou a racionalidade. Embora a ciência e a racionalidade possam acessar verdades sobre a realidade, tais conhecimentos já se encontrariam disponíveis para aqueles que, nas palavras de um membro, *“se entregarem, sem questionar”* aos instintos. O conhecimento valeria, na melhor das hipóteses, como um caminho de volta para os instintos. Assim, aptidões paranormais seriam gradativamente acessadas, curas e autocuras poderiam ser realizadas e orientações espirituais poderiam ser recebidas.

Em síntese, a libertação do sofrimento se daria, pois, com o retorno à natureza, através da qual a evolução espiritual se tornaria natural e as pessoas poderiam descobrir o “Amor” e ascender pela longa hierarquia espiritual que incluiria desde entidades religiosas africanas e folclóricas brasileiras aos mestres ascensos de Helena Blavatsky, sistematizadora da moderna teosofia, e ícones cristãos, budistas, hinduístas, muitos deles compreendidos como “extraterrestres”. O objetivo final é o encontro com Deus, na forma da ascensão definitiva. Contudo, o sistema de crença-significado do grupo faz previsões um tanto genéricas e polissêmicas sobre vias de evolução espiritual, se comparado aos dois outros grupos, de modo que se deposita grande expectativa sobre contatos e orientações futuras e progressivamente próximas dos extraterrestres. Nas palavras de um membro do grupo, *“o auge é entrar numa nave, igual [a contatada líder] já entrou. A maioria fica ansiosa para ter essa oportunidade”*.

DISCUSSÃO

Os três grupos investigados apresentam similaridades e diferenças entre si em diversos aspectos, sendo aqui enfocadas suas concepções sobre libertação do sofrimento. De início, os grupos consideram os extraterrestres como auxiliares no projeto divino de salvação das almas, não apenas das pessoas, mas de seres vivos de todo o universo e dimensões paralelas. Assim, o conceito de salvação da alma, circunscrito ao planeta Terra nas religiões hegemônicas tradicionais, passa a abranger outros espaços de vida, isto é, o espaço sideral, dimensões paralelas e outras realidades estudadas ou hipotetizadas pela ciência, ficção científica e outras formas de significação propriamente contemporâneas.

Os extraterrestres, genericamente familiares na macrocultura, assumem seu papel enquanto símbolo contemporâneo do desconhecido e cumprem funções religiosas outrora cumpridas por deuses, demônios e outros seres sobrenaturais, em sintonia com achados em outros contextos.³ Dentre essas funções, aqui se destaca a promessa de salvação da alma e a libertação do sofrimento.

Relacionado a isso e com a crise das metanarrativas está o também contemporâneo enfraquecimento da religião e da ciência enquanto crivos interpretativos distintos e exclusivos da realidade. Ganham espaço enquanto vias de elaboração do estar no mundo a polissemia do simbólico, uma mescla de referenciais antigos e recentes, do sagrado ao tecnológico (como em AUPERS, HOUTMAN, 2010; BATTAGLIA, 2006). As palavras de uma contatada exemplificam a questão, quando inquirida sobre as ressalvas da ciência sobre a realidade dos óvnis: “a ciência da Terra é muito limitada [...] os cientistas são muito arrogantes [...] procurei respostas em diversas religiões [...] fui católica, espírita [...] nada fazia sentido.” O líder do primeiro grupo sinaliza a insatisfação em relação à distinção entre religião e ciência: “Não somos religião e sim um grupo de paraciência”, isto é, de “ciências paralelas”, algo no intermédio entre esoterismo e ciência. Em sintonia, o líder do segundo grupo, citado antes, se referiu ao “*elo perdido entre a religião e a ciência*”.

Com a crise das metanarrativas e o decorrente enfraquecimento cultural de concepções tradicionais sobre o sentido da vida e do transcendente, promove-se então um resgate desse sobrenatural em tempos tecnológicos através da assimilação de formas diversas de esoterismo e da integração com a ciência e outros referenciais disponíveis e que historicamente competem entre si em diferentes nichos culturais. É o “reencantamento do mundo” enquanto fenômeno de nosso tempo, como discutido por Aupers e Houtman (2010). Assim, por um lado, ocorre a busca pela legitimação do sagrado através de diálogos múltiplos e da aproximação com um referencial que se pretende científico, ao mesmo tempo em que essa ciência em crise na contemporaneidade resgata sua condição de fornecedora de respostas derradeiras e de auxílio na superação definitiva das mazelas humanas. Os alienígenas personificam justamente a concretização, no nível da experiência de pessoas e grupos, desse projeto não cumprido de modernidade no qual a ciência traria todas as

³ Ver AUPERS, HOUTMAN, 2010; BULLARD, 1989; DEWAN, 2006; LEWIS, 1995; BATTAGLIA, 2006; ZELLER, 2012.

respostas. Desenha-se e cumpre-se esse projeto pelas vias contemporâneas da interpenetração de referenciais, com alienígenas tecnológicos e espiritualizados cujo modo de vida dá forma a um conceito de “evolução” que faz sentido justamente em nossa época, isto é, a realização plena, harmônica, concomitante e integrada das diversas formas de conhecimento que seriam estéreis quando isoladas ou em conflito.

Nos grupos estudados, especialmente nos dois primeiros, evidencia-se ocorrer uma síntese particularmente harmoniosa entre ciência, religião, política, ecologia, ficção científica e outros tópicos, caracterizando esses grupos, ao menos no sentido da consonância cognitiva, como bem-sucedidas formas de harmonização de influências culturais distintas. Entre as influências, o espiritismo kardecista parece desempenhar papel fundamental, dada a importância da premissa da reencarnação nos moldes definidos por essa religião para o conceito de “evolução”. Cumpre lembrar que, apesar da origem francesa, o espiritismo kardecista tem no Brasil sua maior força (LEWGOY, 2008).

Os grupos se organizam em torno de contatados que, como profetas, servem de mensageiros a trazer a “boa nova” da salvação dos sagrados extraterrestres para o cotidiano terreno profano. Os três sistemas de crença-significado possuem profecias escatológicas, segundo as quais a Terra passará por transformações radicais em breve, sendo observáveis os primeiros sinais das mesmas. Assim, os grupos possuem alguma urgência para a evolução espiritual e salvação. Ademais, tais profecias reúnem temas como ambiente, ecologia, política global e espiritualidade, caracterizando outro exemplo de harmonização de tópicos caracteristicamente contemporânea e que, nesse caso, se repetem também fora dos contextos estudados, na forma de alertas ecológicos, espiritualidade sincrética e desconfiança ampla quanto a autoridades políticas.

Por sua vez, o próprio arranjo das pessoas como um grupo desempenha um papel fundamental para a salvação, tanto como uma comunidade afetiva que confere suporte coletivo e identidade grupal como também (aqui conscientemente) potencializam os efeitos pretensamente paranormais que são buscados.

Todos os sistemas de crença possuem uma concepção de Deus, à qual se associa a libertação definitiva do sofrimento através da fusão com tal “fonte” essencial no estágio final de evolução espiritual. Por sua vez, a condição terrena está intimamente atrelada ao sofrimento, devido à sua densidade que reflete a grosseria de sua evolução espiritual. Isso remete à dessacralização da Terra em

detrimento do céu ou dimensões equivalentes, concepção esta típica também nas religiões hegemônicas no Ocidente (LEWIS, 1995).

Contudo, os sistemas de crença-significado e arranjos grupais apresentam também diferenças entre os contextos investigados, o que repercute nas concepções de libertação do sofrimento e na forma como cada grupo se posiciona frente às múltiplas possibilidades de interpenetração dos mesmos referenciais culturais. Talvez a diferença mais importante em relação ao tema aqui tratado seja quanto ao caminho para a libertação ser, no atual momento da Terra, através principalmente da transmutação racionalmente buscada (como defende o primeiro grupo), da reencarnação guiada pela virtude do amor (como defende o segundo) ou do resgate dos instintos primitivos através da negação da racionalidade (como defende o terceiro grupo). Boa parte dos membros do terceiro grupo, embora aproximados ao segundo quanto à busca por uma próxima encarnação, confere grande importância para o encontro direto com óvnis físicos, aguardando com grande comoção a ocasião em que poderão entrar em um deles.

Os grupos divergem em relação ao papel da racionalidade no processo de libertação, podendo esta ser o caminho (o segundo grupo), um auxílio (o primeiro grupo) ou mesmo a antítese do caminho (o terceiro grupo). O grau de ritualização entre os grupos varia entre um elevado apreço e grau de padronização até sua pouca relevância enquanto apenas assessória em um processo de libertação que depende primordialmente de boas condutas e bons sentimentos.

Enquanto isso, o primeiro e o segundo grupos afirmam não trabalhar com pessoas desencarnadas. Isto é, embora sustentem que espíritos de pessoas falecidas existam e vagueiem sobre a Terra ou mesmo auxiliem em centros espíritas e terreiros de Umbanda, os grupos alegam que não têm interesse no auxílio de espíritos, mas apenas de extraterrestres, os quais seriam muito mais evoluídos que os desencarnados, tornando supérflua a eventual ajuda destes. Por sua vez, o terceiro grupo recebe mensagens e orientações tanto de extraterrestres quanto de espíritos de humanos falecidos e de variados tipos de entidades sobrenaturais descritos na literatura esotérica, o que parece associado à maior permeabilidade e menor sistematização do sistema de crença-significado deste grupo.

Os sistemas de crença variam em grau de sistematização e coesão de seus adeptos enquanto grupo. Como resultado, o grau de adesão aos sistemas de

crença e a condutas relacionadas varia. Assim, o primeiro grupo, sendo o mais sistematizado e coeso, evidencia-se mais implicado com o processo de libertação do sofrimento nas conversações cotidianas. Relacionado ao elevado grau de sistematização está o estabelecimento de um limite definitivo e próximo para a salvação, o qual parece contribuir fortemente para o estabelecimento de um senso de urgência que se reflete nas conversações cotidianas dentro do grupo. Alguns de seus membros chegam por vezes a parecerem angustiados e sedentos pela salvação, e suas reuniões não raro são agitadas, com pessoas fazendo perguntas e pedidos insistentes, de modo que o contatado líder muitas vezes precisa interromper a reunião para pedir aos membros que se acalmem.

Outra variação surge em relação aos extraterrestres, que são concebidos como materiais, imateriais ou duais, de modo que o sofrimento então é mais ou menos associado à condição material das formas de vida. Para o primeiro grupo, materialidade se torna condição para o sofrimento, enquanto o segundo e terceiro grupo consideram que a evolução espiritual pode continuar ocorrendo no estágio atual da humanidade em parceria com a materialidade. Relacionado a isso, o grau de antropomorfismo dos extraterrestres contatados também varia. Embora a conformação humanóide seja praticamente universal em relatos de encontros diretos com alienígenas, e embora as pessoas que reportam encontros espiritualmente instrutivos com alienígenas os descrevam como “*humanos de uma beleza indescritível*”, os nomes e detalhes da aparência e da biografia dos seres variam. O terceiro grupo e especialmente o primeiro, menos interessados pela materialidade que o segundo, apontam que os extraterrestres evoluídos assumem feições antropomórficas para fins práticos, mas que sua “real” aparência é a de bolas de luz ou outras formas denotativas de constituição imaterial.

Há diversas outras diferenças nos sistemas de crenças dos três grupos, com implicações menores ou mais dificilmente visualizáveis em relação aos conceitos de libertação do sofrimento e salvação. Por exemplo, enquanto o primeiro grupo afirma que uma em cada três pessoas é um extraterrestre reencarnado, o segundo afirma ser uma em cada cem. Um aparente reflexo disso é que o primeiro grupo parece ser o mais proselitista entre os três, buscando mais avidamente novos membros, enquanto o contatado líder do segundo grupo exemplifica: “*são bem poucos os que realmente podem entender do que falamos. A imensa maioria não vai conseguir*”.

Os detalhes das profecias escatológicas também variam, de modo que a Terra se tornaria inabitável ou habitável apenas por formas de vida mais

evoluídas que as atuais. Assim, ainda que a típica dessacralização da Terra se mantenha, ela pode ocupar diferentes sentidos conforme os grupos, podendo se purificar ou significar irremediavelmente sofrimento e atraso espiritual.

CONCLUSÃO

A contemporaneidade imprime feições específicas aos fenômenos religiosos, como a mútua interpenetração de referenciais culturais diferentes e, por vezes, antagônicos. Embora isso possa ser percebido nas religiões hegemônicas, movimentos religiosos em algo “exóticos” e recentes fornecem uma peculiar oportunidade para o estudo dos desdobramentos da contemporaneidade sobre a experiência religiosa, sistemas de crença-significado e comportamentos relacionados. Assim, os três grupos investigados, por seu “exotismo” considerado mesmo afrontoso na macrocultura em que emergem, podem fornecer oportunidade de investigações do valor que William James (1902/1985) preconizava ao defender que o estudo de manifestações extremas de um fenômeno poderia descortinar mais facilmente suas características essenciais, dado que se apresentariam de modo superlativo. Em sintonia, Whitmore (1995, p. 81) considera os alegados contatos com alienígenas uma “mina de ouro” para o estudo de fenômenos religiosos. Tal potencialidade tem sido pouco explorada, especialmente em contextos polissêmicos e sincréticos, como o Brasil.

Por figurar entre os pilares dos sistemas de crença-significado religiosos, o tema da liberação do sofrimento demanda atenção dos estudiosos da religião e da experiência religiosa. Unido à premissa anterior de James (1902/1985), seu estudo nos três grupos revela elementos interessantes para a análise. Um dos mais relevantes, na contemporaneidade marcada pela pluralidade de informações e significações, é que tais sistemas de crença e grupos promovem uma revitalização de temas e ícones religiosos tradicionais, como as noções de libertação do sofrimento e salvação, promovendo também formas de conciliação com a ciência e outros referenciais culturais desgastados quando isolados. Ao mesmo tempo, promovem a ressignificação do sofrimento e da libertação para além das dimensões usuais nas religiões hegemônicas ocidentais, isto é, antropocêntricas e geocêntricas. Por fim, mesmo diante da polissemia contemporânea, a qual também imprime diferentes arranjos dessas mesmas influências na forma de sistemas de crença-significado que acabam por possuir também distinções, a salvação da alma ainda depende de elementos básicos

tradicionalmente contemplados em religiões tradicionais, como rituais, retidão moral e busca pelo Transcendente.

Tais achados conectam e confrontam não apenas os três grupos, mas outros contextos investigados por diferentes autores. As semelhanças transculturais convivem com especificidades locais, como aquelas do contexto brasileiro, que inclui o sincretismo religioso e o copioso leque de ícones folclóricos e religiosos indígenas, africanos, europeus e brasileiros de edificação mais recente. Os sistemas de crença-significado, pessoas e grupos de algum modo cotidianamente ligados aos ícones “alienígena/extraterrestre/óvni” têm se mostrado potencialmente numerosos, complexos, polimorfos, desafiadores e pouco estudados, mas reconhecíveis em torno de temas comuns na contemporaneidade. Assim, constituem “galáxias de discursos” e uma “cultura ET”, como chamou Battaglia (2006), em que todos estamos inseridos e que se delinea um promissor objeto de estudo para a psicologia e para áreas próximas.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece as agências brasileiras que contribuíram para esta pesquisa em diferentes momentos: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REFERÊNCIAS

AUPERS, Stef; HOUTMAN, Dick (Org). **Religions of Modernity: Relocating the Sacred to the Self and the Digital**. Brill, 2010.

BATTAGLIA, Debora (Org). **ET Culture: Anthropology in Outerspaces**. Duke University Press, 2006.

BULLARD, Thomas Edward. UFO Abduction reports: the supernatural kidnap narrative returns in technological guise. **Journal of American Folklore**, v. 102, n. 404, p. 147-170, 1989.

CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley (Eds.). **Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence**. Washington: American Psychological Association. 2000.

DEWAN, William. “A saucerful of secrets”: an interdisciplinary analysis of UFO experiences. **Journal of American Folklore**, v. 119, n. 472, p. 184-202, 2006.

HENNIGEN, Inês. A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos. **Cadernos de Educação**, n. 29, p. 191 - 208, julho/dezembro 2007.

JAMES, William. **The varieties of religious experience: A study in human nature**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985 (original work published in 1902).

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008.

LEWIS, James R. (Org.). **The gods have landed: New religions from other worlds**. Albany, NY: State University of New York Press, 1995.

POSSAMAI, Adam (Org.). **Handbook of hyper-real religions**. Brill, 2012.

SALIBA, John A. Religious dimensions of UFO phenomena. In: LEWIS, James R. (Ed.) **The gods have landed: new religions from other worlds**. Albany, NY: State University of New York Press, 1995, p. 15-64.

WHITMORE, John. Religious dimensions of the UFO abductee experience. In: LEWIS, James R. (Ed.) **The gods have landed: new religions from other worlds**. Albany, NY: State University of New York Press, 1995, p. 65-84.

ZELLER, Benjamin E. Heaven's Gate, science fiction religions and popular American culture. In: POSSAMAI, Adam (Org.). **Handbook of hyper-real religions**. Brill, 2012, p. 59-84.

*Recebido em 17/05/2015
Aprovado em 16/09/2014*